



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1898 | Número: 15

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 15 (3) Jul.-Set. 1898, p. 91-106.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado do vol. XIII, n.º 4)

A freguezia de Gandarella, que pelo nascente péga com a de Cerzedello, tambem se gloria com as ruinas d'uma «cidade». Cidade lhe chamava um rapazola, que me foi mostrar estas antigualhas; mas quem primeiro m'as denunciou, a então usufructuaria dos campos, onde ellas ficam, chamava lhes uma «citania alluida». É este o exemplo mais nítido que eu conheço em favor do emprego do nome de citania, ou citaina, como appellativo, visto que, não havendo o minimo ponto de similhaça entre as ruinas de Gandarella e as da citania por excellencia, a de Briteiros, é impossivel admittir que alguem se lembrasse de applicar ás primeiras um nome que celebrou as segundas ¹. Bastará dizer que a «citania alluida» de Gandarella fica n'uma covada, e, se não fossem os fragmentos de telha com rebordo, que por alli se encontram, ninguem acreditaria que existiu n'este sitio uma povoação de mediocre

¹ Á «cidade Euphrasia», que se estenderia desde Fareja até Felgueiras, nada menos, ouvi eu dar a uma mulher, visinha do monte de Santo Antoninho, o nome de «citaina». Cito este exemplo, omitindo outros, por vir da mão d'uma informadora do nosso concelho.

importancia. Hoje quasi todo o terreno, onde apparecem os cacos de telha, está agricultado, e affirma-se que o arado ou a enxada, se chega a certa profundidade, encontra alguma coisa, que deve ser um pavimento de pedra ou de tijolo. Os campos actuaes foram pois formados por terras de alluvião, descidas dos outeiros proximos, e d'aqui vem decerto a designação de alluida, dada à anonyma «cidade».

Examinei attentamente um outeiro visinho ¹, quasi isolado, onde melhor podia imaginar-se a primeira séde da povoação, sem nada descobrir que confirmasse esta suspeita. Quasi nas faldas do outeiro temos a «bouça dos pardieiros», que faz a transição entre a planicie e o relevo orographico, e onde se encontram restos de paredes na extensão de alguns metros, mas que nunca podiam ter sido obras de fortificação, nem coisa parecida com isso. O nome de «bouça dos pardieiros» parece indicar a existencia de alguns casebres, que ou já não existem, ou estão sotterados, e dos quaes ninguem me soube descrever a fórma. Tambem por ahi é raro, diz-se, arrancar algum carvalho, sem que se desenterrem ao mesmo tempo cacos de telha com rebordo. Cacos de telha com rebordo vi eu soltos pelas immedições da igreja, que não dista muito das ruinas.

E nada mais. Teimava um homem que, trabalhando alli um dia, encontrára uma pedra com letras, que arrumou para a beira d'um campo. Mettido, porém, em brios para a descortinar, perdeu o tempo, supposto não perdesse a teima.

De mouros não ha tradição ²; mas para o lado do poente, n'um descampado, chamado Lamellas, não longe do oratorio do Padrão, está enterrado um thesouro muitas vezes procurado debalde, e, se bem que o thesouro seja uma «caixa militar», não ha duvida de que foram os filhos da mourama que o esconderam n'este logar. A «citania alluida» de Gandarella fica

¹ Ouvi chamar-lhe Combro; mas depois fallaram-me nos Combros como designando o outeiro e os terrenos proximos. A nascente da igreja temos o «monte do penedo redondo», sem nada de notavel, e ainda a nascente d'este um outeiro anonymo com um «penedo da raposa» e um «echo». Nada de lendas; mas no outeiro vi alguns fragmentos de telha romana.

² O mesmo succede com todas as ruinas identicas ás de Gandarella. Que eu saiba, nunca são attribuidas aos mouros, supposto elles raras vezes faltem nas suas visinhanças. A explicação não me parece difficil; deixal-a-hei porém para mais tarde.

nas faldas do monte da «Senhora do Monte» como a Pedráuca de Cerzedello, mas muito mais perto da capella. Se subimos o alto n'esta direcção, encontramos o logar e bouça de Bretello, onde alguns fragmentos da telha romana se encontram. Na mesma bouça ha o «Penedo da Moura», a que já alludi. e que se sente viva curiosidade de examinar, ouvindo os peritos da localidade fallar d'umas «escadinhas muito bem feitas», que n'elle se vêem. Quando se encara com a promettida obra de arte, custa um pouco a explicar como nasceu a ideia das escadas. O penedo, que não é grande, apresenta no lado que vira para o sudeste uma face quasi plana, onde se cruzam alguns largos sulcos, produzidos por agentes naturaes, deixando nos intervallos umas almofadas em relevo. É um *lusus naturae*, da mesma especie que o do penedo de Gonça, o da inscripção gothica, de que fallei n'outro artigo, e prestando-se a interpretações tão extravagantes, como elle. Certo é que, para a maioria dos gandarellenses, estão allí umas escadas, insculpidas pelas mãos dos mouros: e que no penedo tem sido vista uma moura, umas vezes sob a fôrma d'um rapazinho, outras sob a d'uma cobra, é coisa corrente e moente. A pouca distancia fica outro penedo—o «das viuvvas e do viuvo», que não resisto á tentação de mencionar, posto que não tenha nada de commum com a archeologia. É enorme, muito mais comprido que largo, aflorando do sólo pouco mais de um metro e servindo de pedestal a tres outros penedos d'um volume respeitavel, todos na mesma linha e tendo quasi a mesma fôrma. Seguindo as elucidacões interpretativas do meu guia, tive de vêr nos tres penedos tres estatuas colossaes, acoradas, com um manto ou sáia pela cabeça; e realmente, visto o grupo de relance, chega a achar-se graça e alguma naturalidade á comparação. As viuvvas estão uma atraz da outra, e a da frente em face do viuvo, como que em socegada palestra. O que custa um pouco a explicar é por que o viuvo usa do mesmo trajo que as suas companheiras. É possivel que alguma historieta, ou alguma costumeira desvanecesse a minha estranheza, mas n'este particular falhou a sciencia do meu cicroni. Ha ainda pelo mesmo sitio um grupo de tres penedos, dispostos de maneira a formar um abrigo, onde cabem algumas pessoas. Tem o nome de «casiinha», mas nenhuma lenda conhecida, pelo menos conhecida do meu expositor. Tudo isto fica a pouca distancia da capella do alto.

*

Nespereira. — Descendo outra vez para as faldas do grande monte e seguindo de Gandarella para nascente, temos a freguezia de Nespereira, onde nada vi digno de nota, a não ser alguns fragmentos da eterna telha de rebordo.

S. Martinho de Conde. — Nespereira limita com Polvoreira e Infias. A esta freguezia segue-se, pelo nascente, a de S. Miguel das Caldas, por onde comecei estes apontamentos. Vou caminhar na direcção do sul e dizer o que sei das quatro freguezias, comprehendidas entre a direita do Vizella e a esquerda do Ave, e formando a parte meridional do nosso concelho. São ellas: S. Martinho de Conde, Moreira de Conegos, Lordello e Guardizella. Quando percorri a freguezia de S. Martinho, nada me pareceu digno de attenção senão o « monte da cerca », que fica a nascente da igreja; mas nem esse mesmo me offereceu nada de notavel. A sua denominação actual vem-lhe de certo d'uma tapada que o circuita em grande parte, e a que dá entrada um vistoso portal, cuja padieira nos diz em letras, algumas já gastas: « Morgado que fez o doutor Jeronymo Vaz... ». O cimo do monte é conhecido pelo appellativo muito commum de côto, e ali vi alguns raros fragmentos de louça antiga. A isto se reduzem os meus apontamentos e informações; mas tenho de confessar que vi mal e tive maus informadores; porque o meu amigo José Sampaio, que visitou aquelles sitios por motivos alheios á archeologia, forneceu-me as seguintes noticias. Nos prazos antigos o monte chamava-se « monte do Scórpio »; o povo, porém, chama-lhe « monte da Sérpe » e aqui está porque. Nos tempos velhos demonstrava por aqui uma serpente formidavel, e tão formidavel, que foi necessario fazer-lhe uma montaria. A fortuna favoreceu os monteiros, a ponto de não só desentocarem o monstro, mas de o ferir; imagine-se, porém, o pasmo de todos, quando, ás primeiras gottas de sangue, se seguiu a subita transformação da serpente n'uma rapariga de formosura sem igual. Era uma moura; e d'aquí se vê que a receita, para quebrar o fadario aos lobis-homens, serve tambem para desencantar as filhas da mourama. Nas faldas do monte, perto d'uma fonte, descobriu o meu amigo dr. Sampaio fragmentos de telha romana e na encosta restos de paredes antigas, mas que, pela descripção

que d'ellas me fez, não podem ser confundidas com obras de fortificação.

Moreira de Conegos. — Ao romper a estrada de Guimarães ao Porto, por Santo Thyrso, os trabalhadores no sitio de Mourre, proximo do logarejo da Véla, começaram a desenterrar uma consideravel quantidade de vasilhas, mais de 60, segundo uma testemunha ocular. Apareciam em « canos », e a terra que d'elles se tirava vinha misturada com prégos enferrujados. Muito antes d'esta descoberta, o sitio tinha uma reputação invejavel; contava-me uma mulher da Véla como, ha um « rôr d'annos », passando alli um estrangeiro ¹, disséra a quem o quiz ouvir não imaginar ninguem as grandes riquezas que estavam enterradas entre S. Gião e o « Cruzeiro das portas de ferro ». As riquezas, já se entende, pertenciam aos mouros: mas estes mouros vinham fugidos de Guimarães, e esconderam o dinheiro e joias que traziam comsigo, porque, observava a mulher, faziam o mesmo que os francezes, enterrando os seus thesouros, quando farejavam a impossibilidade de os poder levar para a sua terra. Não contribuia pouco para comprovar os reconditos conhecimentos do forasteiro a existencia do Penedo da Moura, que ficava dentro do perimetro marcado pelo desconhecido.

D'outra fonte colhi uma noticia muito menos vulgar: era nada menos que a do achado d'um documento escripto, encontrado dentro d'uma pia de pedra (que ainda vi perto da valeta da estrada) e dando indicações ácerca do celebrado thesouro. E não era uma noticia vaga: nomeava-se a pessoa, que então estava possuidora do documento. Para aguilhoar mais a curiosidade, dizia-se que o documento consistia n'um « rebôlo com letras douradas ». Depois de muito trabalho, pude adquirir a preciosidade, ou melhor as preciosidades,

¹ Este estrangeiro é uma especie de judeu errante, de que tenho ouvido fallar em muitas partes. O seu modo favorito de fazer revelações é este: « Vocês atiram muita vez com uma pedra sem imaginar o que tiveram na mão e deitaram fóra ». A pedra, entende-se logo, era ouro encantado. Entre os thesouros de Moreira conta-se uma grade, um cambão e um tornadouro, tudo de ouro fino, está claro; e é extraordinario o numero d'estas alfaias agricolas, que por todo o Minho estão á espera d'um cavador privilegiado. Bem se vê pela escolha do figurado quem foi o principal auctor d'estas phantasias.

porque eram duas. Uma d'ellas é uma tira de papel dentro d'um tubo de chumbo, e no papel indica-se a distancia, onde deve trabalhar todo aquelle que pretenda desencovar o dinheiro, sem marcar orientação alguma bem determinada; a outra é um pedacinho de lousa quadrado, de que os phantassistas fizeram um rebôlo de letras douradas, e contendo uma indicação quasi igual á do papel ¹. Provavelmente a lousa representa uma segunda edição, e foi feita no presupposto de que o tempo comesse a primeira. Como se imagina, tudo isto é obra d'um trocista, que conseguiu plenamente o seu fim, porque é certo que a brincadeira fez perder o somno a muita gente.

Entremos na descripção das antigualhas. Já, conforme me asseveraram, o empreiteiro d'este lanço da estrada via sepulturas nos « canos », onde appareciam as vasilhas e suspeitava justamente que os pregos, trazidos pela pá, de mistura com a terra, denunciavam enterramentos, feitos em caixões de madeira. Algumas explorações, effectuadas mais tarde pelos drs. Manoel Marinho e Geraldo Guimarães, confirmaram estas verdades. Em 1885, pude tambem fazer algumas escavações, tanto ao nascente, como ao poente da estrada, sendo auxiliado n'estes trabalhos pelos meus amigos, abbades de Santo Thyrsso e de Tagilde. As sepulturas eram abertas no saibro duro, de sorte que, tenteando o terreno com uma alavanca, era facil conhecer, pela menor resistencia á sondagem, o ponto onde as campas se encontravam. De sorte que, durante parte d'uma manhã e d'uma tarde, pudémos explorar umas 18, e não exploramos mais, por nos parecer inutil — tal era a identidade dos achados. Encontrada a terra molle e tirada pouco e pouco á enxada, ia-se desenhando um quadrilongo 1^m,80 de comprido e 0^m,75 de largo, vindo a terra muitas vezes mosqueada de bocados de ferro comido, que se via depois serem restos de grossos pregos. Chegando á profundidade de quasi um metro, descobria-se uma vasilha, logo outra mais pequena, e por fim um prato côvo, formando tudo um grupo. Alguns curiosos, que assistiam ao despejo das campas, iam classificando as vasilhas e commentando a sua serventia. A vasi-

¹ Ambas ellas estão hoje no Museu de Guimarães, juntas aos objectos encontrados nas sepulturas.

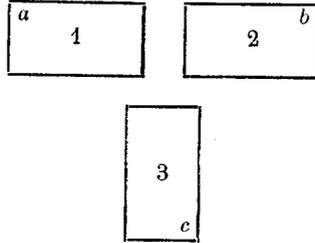
lha maior, de gargalo esguio, era uma vinagreira; a vasilha mais pequena, de bocca larga, era um pucaro; o prato uma sopeira, e tudo aquillo tinha relações com a alimentação, destinada ao inquilino da cova, porque, dizia sentenciosamente uma mulher, no principio do mundo os velhos eram levados para o monte, deixando-se-lhes ao pé alguma coisa de comer e de beber. Ha ainda hoje no Minho alguns sitios affamados como theatro d'esta costumeira, que certamente não passa d'uma tradição deturpada. Tal é o «Penedo do Pae» na freguezia de Roriz, e no nosso concelho um ponto da encosta do Sameiro, aonde a gente da actual freguezia de Santa Leocadia de Briteiros iria levar os seus macrobios. Certo é que a interpretação, dada pela mulher ao prestimo das vasilhas de Moreira, não anda muito longe da verdade, e é uma prova a maior das sobrevivencias pagãs. E não foi só a tradição que sobreviveu; a costumeira, usada em algumas partes do Minho, de collocar no caixão d'um defuncto uma côdea de pão molhada em vinho parece-me claramente um como symbolo resumido dos comes e bebes, a que alludia a crendeira mulher.

Voltemos ás escavações. A «sopeira» é quasi sempre de barro extremamente grosseiro; podia ser substituida por uma praiteira de cobre, como se verificou n'uma das campas; o «pucaro» tambem ás vezes era substituido por um copo, ou taça de vidro ¹, de que encontramos fragmentos. Era de pasta muito mais fina, como a «vinagreira»; esta de diversas fórmas e quasi sempre elegantes. Nenhuma das vasilhas tem ornamentação incisa no barro; mas não raro as de collo alto são cercadas por estreitas listas avermelhadas, que destacam agradavelmente sobre um fundo amarello claro. Jurava um moreirense que em algumas d'ellas, desenterradas, ha annos, em vez das listas circulares pintadas, vira anneis de metal branco, applicados sobre o barro, e tanto assim que em algumas sepulturas os anneis metallicos appareciam soltos; que vira tambem tres vasilhas pegadas; mas tambem jurava um seu comparochiano que o nosso informador tinha uma imaginação excessivamente desencabrestada.

As tres vasilhas appareciam sempre perto d'um dos angu-

¹ Copos de vidro appareceram ao abrir a estrada, conforme me asseverou pessoa fidedigna.

los da cova, sendo porém impossível saber se para os pés, se para a cabeça do cadaver. Pelo seguinte esboço pôde avaliar-se a difficuldade do problema:



Como se vê, as tres sepulturas formam um grupo; são todas perfeitamente quadrangulares; a 1.^a e 2.^a, que deveriam ter a mesma orientação e portanto as tres vasilhas n'um mesmo angulo, têm-n'as em direcções divergentes, *a* e *b*. Parece pois indubitavel que o coveiro tinha ampla liberdade para sepultar os mortos, como melhor lhe agradasse.

Dentro das campas, além das tres vasilhas e dos pregos ferrugentos, nada; nem um fragmento d'osso, nem um punhado de cinzas, nem uma moeda, para pagar a passagem ao inexoravel barqueiro ¹. Signal apparente, se existiu, desapareceu completamente; inscripções funerarias de certo não existiram; porque n'esse caso alguma havia de chegar até o nosso tempo, visto que o seu numero devia ser crescido. Não o posso calcular com exactidão; a abertura da estrada pôz a descoberto, diz-se, mais de 60 vasilhas; são para cima de 20 campas; as exploradas por Manoel Marinho e Geraldo Guima-

¹ Entre nós o costume de lançar uma moeda nas sepulturas perdurou em algumas partes até o primeiro quartel d'este seculo, e em Ruivães com o fim expresso de habilitar o defuncto a pagar a passagem da barca, segundo me affirmou insistentemente o abbade de Sobreposta, Manoel de Macedo, hoje fallecido.

Tal reputação tinha este dinheiro dos mortos, que os rapazes, se o encontravam n'um adro, não se atreviam a pegar n'elle; levantavam-n'o com dois paus e iam escondel-o na fenda d'alguma parede, para não ser calcado ou aproveitado por qualquer que ignorasse a sua procedencia. É o que succedia, nomeadamente n'uma freguezia do Marco de Canavezes, como me informou o meu amigo João de Vasconcellos e Menezes, que poderia publicar interessantes noticias d'aquelles sitios, se... quizesse.

rães e as que eu explorei orçam por 25 : mas para o lado do nascente, onde escavei, ainda ficaram campas; contigua ao terreno do poente, onde fiz o forte das explorações, ha uma espaçosa bouça que, segundo a informação do seu proprietario, contém muitas mais. Trata-se, pois, d'um vasto cemiterio, mas tudo n'elle é escuro e mysterioso. Caumont descreve um cemiterio gallo-romano, quasi exactamente nas condições do nosso, abstendo-se porém de commentarios. Eu acho melhor fazer o mesmo.

Um segundo mysterio, ainda mais impenetravel, contende com a população, que deixou tantos dos seus membros a attestar a sua pujança. Se se exceptua o logar da Véla, composto d'umas dez ou doze casas agrupadas, encontramos-nos n'uma planicie árida e deserta, onde nem sombras se descobrem d'umas ruinas, parecidas ás de Gandarella, por exemplo. Se as houve, e de certo houve, foram completamente varridas. E mais. O lendario viajante fallava, como vimos, das riquezas, escondidas pelos mouros, desde S. Gião até o «Cruzeiro das Portas de Ferro»; e nenhuma duvida ha que, um pouco a norte da Véla, existiu a igreja parochial de S. Gião, á qual provavelmente pertencia o cruzeiro; mas tudo isto foi tambem quasi completamente varrido. Da igreja de S. Gião resta apenas um capitel corinthio ¹; o local, onde se ergueu a igreja, é hoje uma eira, perto da qual se vê uma sepultura aberta em rocha, já muito mal tratada; o cruzeiro, depois de sotterrado, não se sabe como, appareceu ha annos n'uma escavação casual, mas não vi d'elle senão uma pedra quadrada, que lhe serviu talvez de pedestal; das «Portas de Ferro», que deviam fechar uma «cerca» ², ha apenas a memoria, e a cerca não passa d'uma parede baixa e grosseira. Se tudo isto, que é relativamente moderno, foi de tal modo devorado pelo tempo e pela cubiça dos homens, imagina-se o que nos ficaria dos periodos anteriores. Ainda assim, fui examinar com attenção um outeiro isolado, a pouca distancia do cemiterio, para o lado do poente. Tem o nome de «Monte de S. Paulo» e, segundo os informes d'um perito, houve antigamente no alto uma capella d'aquelle santo, e havia ainda uma pia

¹ Hoje no Museu de Guimarães.

² D'aqui o nome de «monte da cerca», que tem o sitio. Tambem por elle, como vimos já n'outras partes, passa uma veia de agua, que, se fosse picada, inundaria a baixa, onde fica S. Martinho e Moreira.

aberta n'um penedo e alguns signaes gravados n'outro. Alguns fragmentos de telha (imbrex) confirmaram-me a existencia da desaparecida capella. Fragmentos de louça antiga, lisa, tambem não eram raros. A pia no penedo era obra da natureza; de artificial só encontrei uma gravura muito insignificante, aberta n'uma fraga ¹. Signal de fortificação nenhum. Não obstante, é bem possível e provavel que a população que procuramos, e hoje tão mal representada pela gente da Véla, tivesse tido artes de fazer do monte de S. Paulo o seu logar de refugio. Nas proximidades do monte e já na bouça, onde o seu proprietario me disse não faltarem sepulturas inexploradas, encontravam-se, accrescentava elle, a cada passo, quando se cavava, fragmentos de telha com rebordo. Eu não os vi.

Nenhumas outras antiguidades conheço em Moreira de Cnegos, a não ser um penedo com algumas «covinbas», no logar das «Campas», á beira do caminho para Vizella. O penedo está meio quebrado. Foi um mendigo, que por alli encontrei, que deu a este sitio o nome de Campas, fallando-me n'umas campas proximas; mas em seguida descambou a dizer que os sepultados eram uns patulêas das Caldas — má gente, commentava elle — que a tropa tinha apanhado n'aquelle sitio, matando-os a tiro. Certo é que a noticia de sepulturas antigas n'aquelle logar ninguem m'a confirmou.

Lordello e Gardizella. — As freguezias mais meridionaes do concelho de Guimarães são, como já disse, as de Lordello e Guardizella, que ficam entre o Vizella e o Ave. Devo confessar que mal as conheço. Quando podia visital-as, distrahi-me com outras occupaões; hoje falta-me a saude para estas indagaões e vistorias, que são mais escabrosas do que muita gente pensa. Em ambas as freguezias não hão de faltar memorias dos antigos tempos. Em Lordello tenho eu noticia de dois sitios, onde appareceu telha romana com abundancia; o mesmo em Guardizella, pelas immediaões da egreja, onde tambem é conhecido um castro ². Como, porém, não desejo fallar senão do

¹ O perito que me acompanhou ao alto, não vendo as gravuras que prometteu mostrar-me concluiu, não sei se bem, se mal, que tinham sido destruidas com os penedos.

² As noticias de Lordello devo-as a Cesario Augusto Pinto, hoje fallecido, um dos homens de mais rija tempera que tenho conhecido e ao qual a archeologia não deve poucos serviços; as de Guardizella ao snr. Albano Bellino.

que examinei com os meus proprios olhos, deixo estas freguezias, bem como as de S. Paio de Figueiredo e S. Martinho de Leilões, que tambem não pude percorrer, ao cuidado dos futuros investigadores, que queiram completar esta serie de apontamentos. Agora volto a Cerzedello para seguir a minha descripção de sul a norte pelas freguezias que ficam entre o Selho e o Ave.

Gondar.—A primeira é Gondar. Masahi nada conheço digno de nota. Fallaram-me no apparecimento d'umas vasilhas, mas nem o lugar do achado me souberam indicar. A Gondar seguem-se as freguezias de S. Miguel do Paraiso e S. Jorge de Selho, das quaes fallarei conjunctamente, e com tanta mais razão, que a primeira está hoje annexada á segunda.

O Monte da Senhora ou da Santa.—Tenho-lhe ouvido dar uma e outra denominação, e, escutando ambas as partes, não é facil sentenciar o pleito. Os que seguem a ultima opinião allegam que a santa se chamava Anastacia, e só este argumento parece decisivo; ha de porém attender-se a que se trata d'uma estatua apparecida entre os fraguedos do monte, e não é provavel que com a estatua apparecesse a sua certidão de baptismo. Os que votam pela outra opinião argumentam com um penedo do cimo do monte, onde se descobrem as pegadas da jumenta em que a Senhora costumava cavalgar. Tambemahi se vêem as pegadas d'um gallo. O que na realidade se vê no penedo são umas muito ligeiras depressões, evidentemente produzidas pelos agentes meteorologicos; como porém no estudo dos autos d'esta demanda havemos de pôr de lado as nossas opiniões pessoaes, eu não sei qual dos contendores tem razão. Passo, pois, a outro ponto. Com a estatua tambem appareceu um sino; e uma e outra coisa foram levadas para a igreja do Paraiso, que n'esses tempos devia chamar-se Inferno¹; mas, de noite, a santa fugia para o seu escondrijo do monte e o sino fazia o mesmo. Segundo um informador, a santa fugia para a igreja de S. Jorge; quer-me porém parecer que n'esta versão a rivalidade das duas freguezias mostra muito o fio ao panno. Explica-se bem, em face

¹ A gente da freguezia sabe isto muito bem, apesar de não ter lido a historia de Fr. Bartholomeu dos Martyres.

de legendas congeneres, que a santa fugisse para o monte, a que estava habituada; não se explica de modo algum que, raptada para o Paraíso, dêsse tão crueis provas de não querer viver com a gente d'esta freguezia, indo aliás espontaneamente viver com a de S. Jorge. Ha, pois, algumas razões para suspeitar que os de S. Jorge tiveram artes de a roubar ao Paraíso, — n'outros tempos coisa muito vulgar ¹. A verdade é que lá a tem na sua igreja na opinião de muitos, porque n'este ponto tambem ha scepticos. Os do Paraíso contentaram-se com o sino, que, se tambem fugia, foi de novo capturado, e de certo se desenganou de que lidava com sujeitos, tão cabeçudos, como elle. A fuga dos santos não é rara nas nossas tradições populares, e é mais que provavel que tal credence seja ainda uma herança dos tempos pagãos, visto que já então se julgava necessario prender ás vezes os deuses com cadeados para que elles não desertassem dos templos. As sinetas é que não tinham a importancia que adquiriram na época christã; mas, vamos lá, desferraram-se do tempo perdido. Na Irlanda representaram ellas um papel distincto, e n'este particular, como n'outros, o nosso paiz não tem muito que invejar á Irlanda. Sirva de exemplo o caso de Caramos. Havia n'este mosteiro um pequeno sino, que não podia tocar, sem que lhe respondesse um outro para o lado de Felgueiras. Mas onde estava elle, se no sitio, onde distinctamente se ouvia, ninguem podia descobrir senão mato e penhascos? Occorreu a feliz ideia de escavar no ponto, em que elle soava, e appareceu o portento á luz do dia; tocava debaixo da terra, e lá está hoje na torre de Caramos: é o mais afinado de todos. Em Ancora asseverava-me uma mulher que, passando pelo « Picoto dos Mouros », ouvira mais d'uma vez um sino a dar horas debaixo da terra ². Maravilhas d'estas só brotam, em regra quasi sem excepção, nos logares infestados pelos mouros.

¹ O caso mais assombroso, acontecido na nossa terra, foi a tentativa do roubo de S. Gualter, que se não verificou por motivos muito bem explicados na *Chronica Seraphica*. É tambem sabido que ainda hoje ficam na posse da freguezia, que visitam, algumas imagens sagradas, que, indo lá em procissão, se demoram além d'um prazo de tempo convencional.

² Musica, sem poder descortinar os tocadores, ouviu uma mulher passando perto do castro de Villa Secca, no concelho de Vieira.

e nós veremos logo que o «Monte da Santa ou da Senhora» está n'este caso, pois que foi com certeza um castro, um lugar de refugio para a população das suas cercanias.

Acabemos porém o capitulo das lendas. Contava-me um erudito aldeão que o monte tinha sido em tempos a morada d'uma bicha terrivel, que S. Jorge matou, depois d'um féro combate. A bicha, accrescentava elle, sem ser preciso inquiril-o, não era a das sete cabeças, era outra muito diversa; e, a uma objecção velhaca que lhe oppuz, replicava que tanto fôra creada aqui, que foi aqui que a matou S. Jorge. Como prova superabundante terminava com dizer que d'antes se via na frontaria da egreja a estatua do santo representando a sua victoria sobre o monstro. É possível que a estatua e a historia de S. Jorge dêsem a base principal á legenda; mas muito provavelmente, se as tradições mysteriosas dos mouros do castro não tivessem esta gente preparada para historietas d'esta especie, duvidosamente a encontraríamos com raizes tão vivazes: já sabemos que no «monte da cerca», em S. Martinho de Conde, foi necessario inventar uns monteiros, para dar cabo da serpe. Se o orago d'esta freguezia fosse S. Jorge ou S. Miguel, os monteiros de certo não entravam em scena ¹. O «monte da Santa» estende-se pelo poente até o Ave, descendo em parte abruptamente, pelo nascente até o Selho, designadamente até os Sumes, e naturalmente algumas das mouras que celebrisam estes famosos escondrijos, tiveram o seu berço no alto. Certo é que entre o alto e os Sumes, e muito perto d'elles, existe um penedo, onde se vê um sulco feito por uma cobra, e imagina-se o que poderá ser esta cobra que, no seu perpetuo perpassar por um penedo, chegou a desgastar o granito.

Fallemos agora do monte—o que nos não tomará muito tempo. É um outeiro de pequena elevação, principalmente pelo norte e pelo nascente, mas facilmente defensavel; e ainda aqui e alli se descobrem vestigios de fortificação. Afóra isso, toda a pedra das muralhas e casas desapareceu, como é costume nos nossos castros, que dão accesso facil aos car-

¹ Segundo alguns, a capella de Santa Luzia de Baço de Boi, que está hoje perto da egreja, estaria antigamente no cimo do monte; mas com Santa Luzia não pôde ter relação alguma a historieta da serpe.

ros dos proprietarios ruraes. Telha romana é rara, mas fragmentos de louça antiga não faltam. O principal achado que fiz n'uma das minhas visitas à corôa do outeiro foi o d'um machado de pedra, que, supposto estivesse muito á vista no reconcavo d'um penedo, nunca despertou, como se vê, a curiosa de ninguem. Um cavalheiro d'aquelles sitios, que em seguida encontrei, notando a importancia que eu dava áquella velharia, disse-me que lhe parecera ter em casa, no poleiro d'um papagaio para elle amolar o bico, uma pedra muito parecida, apanhada nas proximidades do monte. Mais tarde mandou-m'a, e realmente era um outro machado de pedra. Afirmava ainda um ecclesiastico presente áquella conversa, que pelo Paraiso, andando á caça, encontrára muitas pedras do mesmo feitio e prometeu recolhel-as e mandar-m'as, o que por fim não fez, ou porque se esquecesse, ou por se desenganar de que estava illudido. O monte da Santa fica a distancia quasi igual da egreja do Paraiso e de S. Jorge, e assim se explicam talvez as questiunculas, a que tenho alludido.

Disse que na área fortificada era rara a telha romana. Encontra-se porém a cada passo em volta da egreja de S. Jorge. Já a vimos pelos arredores das egrejas de Infias e de Gandarella, e havemos de vê-la em volta d'outras do nosso concelho. Se conjugamos este facto com o da existencia de lapides, contendo votos aos deuses pagãos, aproveitadas como materiaes de construcção nas nossas egrejas ruraes, não é desarrazoada a supposição de que ellas fossem na sua primitiva pequenos templos pagãos, que depois se christianisaram ¹. Bem entendido que já então as populações dos altos tinham descido para logares commodos. E quem sabe se tambem já então os deuses fugiam para os altos, d'onde foram tirados contra a sua vontade!

Ninguem dá ao monte da Santa o nome de Castro: mas na freguezia de S. Jorge ha o logar do Castro, que fui vêr sem grandes esperanças de encontrar coisa que me satisfizesse, por lhe não descobrir condições de defeza. E de facto nada se me offereceu digno de menção, a não ser um penedo

¹ Algumas das nossas egrejas, Gandarella, Corvite, etc., e algumas das nossas capellas, com o seu alpendre ou vestibulo, firmado em columnas, conservam-se fieis a um typo architectonico, já usual nos tempos pagãos.

na borda d'um campo, com algumas covinhas muito distintas. Telha com rebordo tambem não é rara por alli.

*

* *

O sr. dr. Emilio Hübner observa-me, em carta, que é pouco admissivel a minha opinião com respeito ao *Sempro* da inscripção de Creixomil, e que na inscripção de Guimarães se ha de lêr, não *Procryside*, mas *pro Cryside*. Supposto na lapide não haja a menor indicação em favor d'esta leitura, é ella das que, uma vez proposta, se acceita quasi sem replicar. Naturalmente os leitores accitam as duas emendas; nem eu as publico com outro fim. E tenho ainda a dizer, para aggravar o meu desastre, que fui duas vezes infeliz com este *Procryside*: no original está *Procrysede*, que eu devia copiar fielmente, visto que a troca do *e* por *i*, de certo erro do lapicida, pôde ter seu valor para os linguistas.

No *Archeologo portuguez*, II, pag. 255, faz-me tambem o sr. José Leite de Vasconcellos a seguinte observação: «Escreve o sr. Sarmiento a pag. 165, nota: «Segundo Strabon e outros o deus principal dos nossos antepassados era Marte». Como o sr. Sarmiento tira d'esta affirmacão uma deducção historica, notarei que, se tem em vista o que diz Estrabão no liv. II, III, 7, este não diz que Marte era o principal deus dos Lusitanos, mas o seguinte: (os Lusitanos) sacrificam a Ares = Marte um bode e os prisioneiros de guerra e cavallos (*cavallos* provavelmente tambem de guerra). D'entre os muitos deuses dos Lusitanos, Estrabão falla especialmente de um (que identificou com Ares), por ter colhido a respeito d'elle informações circumstanciadas».

No correr da sua observação e antes de chegar ao commentario do texto straboniano, ia imaginando que o sr. José Leite se dispunha a corrigir que, se eu «tive em vista aquelle texto», poderia affirmar apenas que o deus equiparado a Ares = Marte era um dos principaes deuses dos nossos antepassados e não o principal, e dispunha-me tambem a replicar que o meu amavel censor estava a cantar fóra do côro, porque, se eu tivesse unicamente em vista o citado texto de Strabon, não escreveria «segundo Strabon e outros». Lido o commentario, vi que estive a pique de tomar a serio uma facecia. Opina o sr. José Leite que do texto de Strabon se pôde sómente de-

duzir que o geographo indentificou com Ares = Marte o deus lusitano, por ter colhido a respeito d'elle informações circumstanciadas; o facto de o identificar com um deus, que tinha no pantheon grego e no pantheon romano um logar preeminente, não nos auctalisa a inferir que occupava um logar identico no pantheon lusitano. Não é evidente que o snr. José Leite está a brincar com Strabon?

Briteiros — Julho de 89.

F. MARTINS SARMENTO.